

Auto-retrato: a pintura
como expressão da alma

Denise Maia

Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP)

Associação Junguiana do Brasil (AJB)

International Association for Analytical Psychology (IAAP – Zurique)

Congresso USP

Junho - 2007

Por ocasião de uma exposição de arte impressionista e pós-impressionista, no Palazzo Reale, em Milão (1995), pude observar muitas telas de Toulouse Lautrec, Matisse, Signac, Degas e Gauguin, mas dentre as várias obras apresentadas, a que mais me chamou a atenção foi : “A ronda dos encarcerados”, uma releitura feita por Vincent Van Gogh, em 1890, de um trabalho de Gustave Doré. Senti a necessidade de visitar várias vezes não a mostra de arte, mas esta obra em especial, que me convidava a contemplá-la e a partir deste olhar a ampliar minha visão, procurando estudar e conhecer os movimentos artísticos e em particular a vida e a obra de seu autor. O meu interesse e pesquisa sobre a história da arte e suas manifestações iniciaram-se neste encontro com a tela, que me mobilizou profundamente, provocando um chamado interno para que eu trilhasse um caminho até então por mim desconhecido.

Andrei Tarkovsky em 1998 falou sobre esta experiência quando citou que ao se emocionar com uma obra de arte, o espectador começa a ouvir em si próprio o mesmo chamado que levou o artista a criá-lo.

Alberto Manguel parece complementar esta idéia ao dizer que “as pinturas são como narrativas embrionárias a espera de um narrador.”

Para Ferreira Gullar em 2004, a partir da experiência direta da obra de arte há uma significação intraduzível em qualquer outra linguagem; como um relâmpago o olhar do observador é atingido pela obra. Um olhar que contempla, perscruta, interroga, buscando a perspectiva mais reveladora,

Segundo Pareyson em 1984, o que vemos não está em um estado fixo, aprisionado para nos guiar mas sim para ser traduzido em termos da nossa própria experiência. Algo em nós reconhece algo espelhado na tela, que tenha a ver com nossas imagens internas, permitindo-nos diversas leituras que vão conferir, no contato com a obra, um significado.

Christian Gaillard fala em seu texto “Jung et les Arts” da importância de contemplar e se deixar tocar e impressionar por uma obra de arte.

Esta é a forma de deixar vir à consciência a percepção, as impressões e os sentimentos que vão aflorando. A surpresa e a mobilização emocional são condições necessárias para que haja uma relação com o inconsciente. Para ele, a partir da “prática da surpresa” são evocadas representações arquetípicas que vêm do mais profundo de nós mesmos.

Gaillard fala de uma observação fenomenológica que conduz então a estruturas organizadoras da psique. Este é o papel de uma obra de arte, no encontro único e individual com o observador.

Esta tela de Van Gogh citada anteriormente, que mostra a ronda dos prisioneiros, traz o tema arquetípico do movimento circular, que se apresenta, por exemplo, nos rituais indígenas, nas danças circulares e nos jogos infantis. Poderíamos entender o princípio de movimento em círculo como uma “circoambulatio” em torno de um centro, cujo circuito repetitivo gera uma

alteração de consciência. Forma-se então um círculo mágico protetor que envolve a todos que participam desta “ronda”

Imagem 1:- A Ronda dos Prisioneiros, Vincent van Gogh, 1890

Ao se observar esta pintura encontra-se, um rosto mais definido, aquele que olha para o espectador e poderia ser considerado um auto-retrato de Van Gogh. Esta constatação levou-me a querer compreender melhor sua própria inclusão como prisioneiro, e ao desejo de entender o que ele percebia ao se retratar e ao olhar para si mesmo. Assim, nesta busca de conhecimento e significados, descobri que ele se retratou 43 vezes, o que me suscitou o interesse de estudo. Iniciei um trabalho com seus auto-retratos, procurando observá-los como as imagens em série encontradas nos sonhos.

Ao estudar Vincent Van Gogh, percebi que existem muitos relatos e reflexões sobre ele e sua obra, mas sempre observando a patologia e descrevendo assim o artista e sua obra sob o referencial dos transtornos psiquiátricos. Decidi então buscar um outro olhar, valorizando a originalidade e a genialidade do pintor, e procurando assim compreender o grande número e cada um de seus próprios retratos, como o desejo e a necessidade de dar forma aos seus conteúdos interiores.

Retratar-se parecia criar uma moldura que contivesse o seu tumulto interior. Esta forma de representação de si poderia ser vista como um monólogo pintado, no qual o artista estabelece uma conversa com seus personagens interiores.

Meu envolvimento na busca de tal compreensão foi tão grande, que já no final da elaboração de todo material que fui encontrando, tive um sonho:

“Vejo perto de um cavalete, uma mesa e sobre ela um recipiente transparente com muitos tubos grandes de tinta, que eu sabia pertencerem a Vincent. Pego um deles e o sinto latejar, ao mesmo tempo em que percebo o meu coração pulsar na mesma intensidade. Parece que sou convidada a entrar na mesma emoção que emerge de cada uma daquelas cores, como se eu estivesse contaminada por uma força descomunal”.

Dediquei-me por um longo tempo à observação, ao estudo e à compreensão de Van Gogh até que, após uma outra mostra de arte, agora uma retrospectiva do centenário de José Pancetti, na FAAP em 1997, fiquei fascinada pelo seu auto-retrato.

Imagem 2 :- O marinheiro, José Pancetti, 1944

Em seguida, tive um novo sonho:

“Estou na platéia de um teatro, onde há um palco com apresentações de monografias. Sei que é chegado o momento de eu apresentar o meu trabalho. Estou na platéia, ansiosa com o que devo apresentar. Tudo fica escuro, há um silêncio e um foco de luz recai sobre mim. Não preciso ir ao palco, vou falar dali, de onde estou sentada, e digo: É chegada a hora de fazer o meu monólogo.”

Novamente o auto-retrato prendeu-me a atenção, e levou-me a me interessar e a estudar um novo artista: Pancetti. Seu olhar distante na tela parecia buscar um porto seguro. Era um olhar que parecia viajar pelos mares, em busca de um lugar. O que me tocou naquela imagem era o marinheiro, como o arquétipo do peregrino, que busca através dos mares a viagem para dentro de si mesmo.

Há um olhar inquieto que se vê instigado à uma busca constante, à uma aventura inevitável, como a experiência de um viajante, metáfora e referência ao processo de individuação.

No momento, quando procuro integrar imagem, diálogo, auto-retrato e processo de individuação, surge a memória de uma nova tela com a qual entrei em contato na exposição “Imagine del Sentire” Cremona, 1996.

Imagem 3 :- Narciso, Caravaggio, 1610

Esta tela representa o mito narrado por Ovídio em *Metamorfoses*, onde Narciso, um belo jovem, por um castigo de Nêmesis apaixonou-se pela sua própria imagem.

Falo aqui de um espelho d’água que me sugere a citação de Sócrates – “Conhece-te a ti mesmo” - motivo de muitas interpretações psicológicas e filosóficas.

A psicanálise pós-Freud traz uma compreensão ampliada sobre o narcisismo. Tanto Winnicott como Bion falam da importância que a mãe tem na função especular e no desenvolvimento da identidade da criança. É nesta relação objetal que está ligado, segundo Winnicott, o verdadeiro Self da criança. Sua noção de “falso Self” se aproxima dos distúrbios narcísicos da personalidade.

O meu olhar sobre o narcisismo procura incluir a polaridade numinosa do arquétipo, que traz a importância da reflexão sobre si mesmo para o auto-conhecimento.

O arquétipo de Narciso fala sobre o amor por si próprio como reflexo de uma necessidade mais profunda.

A partir do encontro com cada uma das telas, senti a necessidade de mergulhar nestas imagens, conversando com elas. Num primeiro momento procurando na observação escutar o que mobilizavam em mim em termos de sentimentos, dúvidas e questões, e para onde isto me conduziria. A psicologia analítica, com sua visão prospectiva, guiou-me através de seus conceitos de auto-conhecimento, processo de individuação e narcisismo, trazendo uma maior compreensão dos fenômenos por mim observados.

Falamos assim sobre a função simbólica da psique cuja relação dialética dos opostos gera a função transcendente. Podemos entender a obra de arte como um *complexio oppositorum* onde o artista tenta integrar os opostos. A obra é o símbolo da junção entre o pessoal e o transpessoal onde se dá o processo criativo, numa relação entre consciente e inconsciente.

Jung demonstrou em sua vida um grande interesse por diversas culturas e pela história da arte, cuja presença se expressa na pluralidade de imagens que povoaram seu imaginário psíquico e que nutriram seu gosto pela diversidade da vida simbólica, não só em sua vivência pessoal, mas como material utilizado com seus pacientes em análise.

Jung via na obra de arte a expressão da natureza mais profunda, independente da vontade do artista.

Para Jung, a obra usa o homem como solo nutritivo, impondo-lhe sua vontade e se desenvolvendo no artista como um complexo autônomo criativo que emerge do inconsciente e precisa se expressar. Há um diálogo constante no processo criativo, entre o consciente e o inconsciente e o grande perigo é a invasão dos conteúdos do inconsciente no campo da consciência quando há uma fragilidade egóica, provocando uma ruptura com o mundo objetivo.

Segundo Mário Pedrosa em 1995

Pode-se falar sob o ponto de vista psicológico da necessidade de expressão da alma... aquele fenômeno instintivo que só se aplaca quando realizado. Impulso obscuro, vocação expressiva...

Há relatos de vários artistas falando muitas vezes da força criativa que se impõe. O próprio Van Gogh expressa em cartas o quanto se sente tomado pela obra e pelas cores, não tendo como fugir de algo imperativo que se impõe. A realização da obra é o caminho para o retorno à superfície consciente, e o lugar onde o artista trabalha sua própria transformação.

Como apreciadora de auto-retratos, separei trechos de alguns autores que referenciem a forma como entendendo este gênero artístico:

Kátia Canton, 1962 disse que:

“ O auto-retrato é a afirmação do artista em sua condição única de criador de sua própria imagem. O artista empõe seus pincéis no testemunho de seu próprio reconhecimento. A criação do auto-retrato, aproxima o artista de Deus. Nesse encontro consigo mesmo, que tem como mediador apenas o espelho, o artista descobre o seu Dom de recriar o mundo...”

Incitando um mergulho para dentro de si para então se projetar. É um constante reinventar-se.

Auto-retratos são espelhos da psique profunda, reflexos dos estados da alma. Quando examinados em série como as imagens de um sonho, permitem observar o desenrolar do processo de individuação.

Em cada auto-retrato há a confirmação de aspectos do próprio ego, num reconhecimento da própria identidade. A cada olhar em seu próprio rosto, o artista parece querer se compreender melhor. Desta forma, as telas além de serem um terreno de experiências onde o artista adota as mais diversas técnicas, passa a ser um espelho onde ele próprio se interroga. A verdade íntima expressa em cada imagem de um auto-retrato, revela a alma, configura um sentido, traz a possibilidade de transformação.

Disse Jung em 1934,

“Quem olha no espelho vê primeiramente a própria imagem que vai de encontro a si mesmo. O espelho mostra fielmente aquele que nele se reflete, muitas vezes o vulto que não expomos ao mundo, pois o vemos por meio da persona. Atrás dela é que está o verdadeiro vulto que é exposto pelo espelho.”

Poderíamos dizer que o pintor pinta-se a si mesmo, não só para dar forma às figuras interiores mas, ao mesmo tempo, numa busca de conexão com sua própria essência.

O artista, ao se retratar, parece estar investigando-se em diferentes personagens que compõem uma autobiografia pintada. Através deste monólogo interior, o pintor dá forma aos conflitos invisíveis que habitam sua alma.

Quando o diálogo interior acontece, a pessoa conversa com a voz do outro dentro de si mesmo, estabelecendo uma relação viva com o inconsciente.

Para Pieri, 1991

“O diálogo é uma forma de conversação onde a pessoa se abre ao outro diferente de si mesmo. No diálogo interno, poderíamos falar sobre a interlocução entre duas esferas psíquicas, a consciência e o inconsciente, onde o diálogo psíquico se dá num processo de confronto entre um lado e seu lado oposto, dando-se voz à parte esquecida ou menos valorizada”.

Em 1997 escreveu Merleau Ponty:

...”Ao pintar-se a si mesmo, a pessoa está se plasmando. O que pinta são fantasias ativas, aquilo que está mobilizado dentro de si. E o que está mobilizado é ele mesmo... Numa série de quadros, há um esforço para se representar o que está mobilizado dentro de si, para descobrir finalmente que é o eterno desconhecido, o eternamente outro, o fundo mais fundo de sua alma.”

... “O meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível, ele não está na ignorância de si, não é cego para si, resplandece de um si... Ele que olha todas as coisas, pode também olhar-se, e reconhecer então naquilo que vê, o << outro lado >>. Ele vê-se vendo, toca-se tocando, é visível e sensível para si mesmo.”

O reconhecimento de si mesmo é parte do desenvolvimento do eu, que precisa ser visto e amado. Diz James Hillman, parafraseando Berkeley, que para cada pessoa ser ela mesma e desenvolver seu potencial latente, é preciso que seja percebida: um olhar compreensivo cuja visão percebe, reconhece, acredita. Começo a pensar aqui no quadro “Narciso” de Caravaggio, que mostra esta forma legítima de amor como necessidade da alma, revelando um outro lado do arquétipo.

Diz Jung (1922)

“Cada homem que persegue seu próprio destino é um narcisista”

Nesta citação acima, ele fala sobre a pessoa cujo amor por si mesmo leva à necessidade do autoconhecimento. Este é o fio condutor através do qual entendo o chamado interno para um processo de individuação.

Na busca da própria identidade, tarefa da primeira metade da vida, há necessidade da diferenciação egóica e a percepção de si como um indivíduo separado dos outros, um ser único.

Poderíamos dizer que no narcisismo em seu aspecto negativo, o ego não se diferencia, não acontecendo o seu reconhecimento enquanto individualidade. O Eu e o Tu, simbioticamente ficam relacionados, num estado confusional. Há uma fixação no estado urobórico inicial.

Natan Scharwtzalant (1982), fala sobre o processo de individuação, onde o ego vai se desenvolvendo em direção ao Si- mesmo e vai acontecendo a cada estágio uma necessidade de reflexão numa dialética especular entre consciente e inconsciente. Cada vez mais o Si- mesmo vai sendo experimentado como centro da personalidade e o ego vai se tornando um recipiente que espelha este centro. Quando há uma indiscriminação entre estas duas instâncias e uma supervalorização de aspectos egóicos, Jung fala que o desenvolvimento psíquico não está a serviço da individuação mas sim de um auto-erotismo.

A mãe é a primeira portadora da imagem arquetípica do Si-mesmo, e a relação dela com seu filho é essencial para que a criança se veja no outro que a olha e assim se possa ver. Quando há na infância a falta de reflexo empático, há um sentimento de não amor, não havendo um desenvolvimento natural na relação ego/Self. Ser refletido e ser compreendido traz um sentimento de ser acolhido por alguém empaticamente.

O desenvolvimento do ego, envolve o diálogo com o outro. . O outro está presente nos vários estágios do desenvolvimento do indivíduo, e é a partir do encontro com ele que se chega ao auto-conhecimento, de tal forma que esta relação, torna-se condição necessária para a formação da identidade e para a vivência do processo de individuação.

Segundo Jung a personalidade narcísica possui uma adaptação externa defeituosa, não havendo uma ligação afetiva com o objeto, mas tornando-se presa e fechada em seu mundo interior. Desta forma, o encontro de Narciso com sua própria imagem pode ou não conduzir à uma vivência transformadora. Essa releitura vê o mito como metáfora do processo de individuação, entendendo-o em sua dimensão arquetípica.

Bachelard, 1978 disse:

“Desaparecer na água profunda, associar-se à profundidade ou a infinitude, tal é o destino humano que busca sua imagem no destino das águas.”

”E nesta contemplação em profundidade, o sujeito também toma consciência de sua intimidade”.

O duplo visto por Narciso é o Si-mesmo, centro ordenador da psique, que se manifesta num processo contínuo e cuja experiência é uma derrota para o ego, impulsionando-o para além de sua realidade.

Quando Narciso vê sua imagem refletida na água ele se percebe e, através deste espelhamento, a identidade começa a se formar.

Este outro que ele vê no espelho d’água parece separado dele, mas é com quem ele anseia se unir. É só a partir deste reflexo que ele vai reconhecer que este outro é ele mesmo. Narciso percebe a impossibilidade de se fundir com o outro que vê e deseja, tornando-se consciente da dor da separação.

No momento final, Narciso, após vários obstáculos, mergulha em busca da totalidade, do reencontro com o Si-mesmo do qual se separou. Esta é a morte simbólica do Eu, que se diferencia, trazendo uma profunda solidão.

É uma passagem para um outro estado de consciência, que traz um maior aprofundamento, o amor por si próprio, numa maior capacidade de relacionamento. Mas toda situação arquetípica

é ambígua e assim a imersão na água pode conduzir também à regressão e ao aprisionamento ou à uma ampliação da consciência, fertilizando o potencial criativo.

O mergulho de Narciso poderia ser visto de formas diferentes. Em seu aspecto negativo, conduziria à morte, cuja regressão leva à matriz inicial. E positivamente, como já foi dito, à busca da própria alma, transformando-se.

Narciso busca a si mesmo no outro refletido na água. Da mesma forma, cada artista ao se auto-retratar estaria buscando também sua própria reflexão, no “outro” que vê? O outro terá sempre o papel do espelho para se refletir, num eterno diálogo, pois é a partir da busca do encontro com o outro que se chega ao auto-conhecimento.

A partir do momento em que me senti tocada pelas pinturas de Van Gogh, Pancetti e Caravaggio, comecei a lançar um outro olhar sobre as coisas que tenho observado.

A experiência estética instiga um desejo de investigar, conhecer, ao mesmo tempo em que provoca sensações e emoções.

Os meus olhos perceberam os olhos de Van Gogh atormentados e angustiados com sua trágica existência. Tornei-me sua interlocutora, tentando traduzir em palavras e sentimentos, as suas imagens.

Em outra etapa me vi “navegando” com o marinheiro Pancetti, em águas desconhecidas, encontrando em cada auto-retrato, um ponto de chegada e uma referência para a partida.

Ao ver Narciso se olhando e observar o fascínio presente nesta imagem pude compreender melhor a importância da reflexão sobre si mesmo para que cada um possa se reconhecer.

Na clínica diária, nas sessões com cada paciente que busca delinear neste processo o seu próprio retrato, meu olhar e minha escuta se tornaram diferentes.

Este encontro com a arte certamente trouxe referências novas ao meu trabalho como terapeuta e à minha vida pessoal. Um alargamento de horizontes, cuja visão se sente abastecida, mas também instigada a continuar a buscar.

A arte, no cotidiano de um terapeuta tem um lugar privilegiado e quase secreto. As obras que ele escolhe criar, visitar ou reproduzir, permitem-lhe refletir e se recolher a fim de reencontrar o que está nas profundezas dele mesmo, sejam seus sentimentos pessoais ou o saber coletivo impresso na obra. Um exemplo disto, foi todo o meu trajeto realizado a partir da observação de uma obra de arte, mobilizando em mim, inclusive o desejo de pintar aquarelas. O imaginário psíquico do terapeuta, povoado de imagens que o interrogam, se abre para o cliente no desenrolar de seu processo interior, na escuta de seus sonhos e no compartilhar de suas imagens.

Referências Bibliográficas

- Albano, A – “Espelhos Paralelos,” – em Retrato genial de Vincent, a ser editado, 2002
- Bachelard, G – *El agua y Los sueños* – México, Fondo de Cultura Económica, 1978
p. 54 e 55.
- _____ - “Jung, Junguiano e arte, uma breve apreciação” em pro-posições, Dossiê Educação Estética – Unicamp, Faculdade de Educação, 2004
- Bell, J. – *Five Hundred Self- Portraits* – London - Plaidon Press Limited, 1990, pp. 548.
- Bonafoux, P – *Van Gogh, the passionate eye*- Trieste, Editoriale libreria, 1994
- Brill, A – “*O Auto-Retrato, gênero em extinção?*” em Da arte e da linguagem
- Canton, K. - “*Auto retrato espelho de artista*”, Livre Docência, ECA/ USP, 1962
- _____ – “*Espelho de Artista*”, São Paulo, Cosac e Naif, 2001
- Cavalcanti, R – “*O Mito de Narciso*”, São Paulo, Cultrix, 1997, p. 244
- Cardoso, Sérgio e outros – “O Olhar dos Viajantes” em O Olhar, S. Paulo, Scharcs, 1988.
- Carotenuto, A – “*Trattato di psicologia analítica*”, Vol. II, Torino, Torinese, 1992.
- Chevalier, J – “*Dizionario dei Simboli*”- Vol. I, Milano, Rizzoli, 1994.
- Dobkin – “*Artists by themselves*”, - Japan, Nissha, 1983
- Gaillard. C - “*Jung e les Arts*” – Palestra apresentada no 1º Congresso Internacional de Educação Estética – Campinas 2004
- Gullar F. – *Relâmpagos* – São Paulo, Cosac & Naify, 2003 p. 175
- Hillman, J. – *O Código do Ser*, Rio de Janeiro, Objetiva, 1996.
- Jung, G – *Obra Completa*, Petrópolis, Vozes, 19 vols
OC 9, 2000 (1934), & 43 e 44
OC 15, 1991 (1922) & 122 e 161
OC 16, 1981 (1921) & 104 e 106
- Leite, José Roberto T. – *Pancetti, O Pintor Marinheiro*, Rio de Janeiro, Fundação Conquista , 1979
- Manguel, A. – *Lendo Imagens*, São Paulo, Companhia das letras, 2003, p. 177 à p.199
- Merleau Ponty, M. – *O Olho e o Espírito*- Lisboa, Veja, 1997
- Nathan Schwartzsalant – *Narcisismo e Transformação do Caráter*, São Paulo, Cultrix, 1995, p. 25.
- Pareyson, L. – “O Processo Artístico” em Os Problemas da Estética, São Paulo, Martins Fontes, 1984
- Pedrosa, M. – *Forma e Percepção Estética* – São Paulo, Edusp, 1995
- Pieri, Paolo F, - *Dicionário Junguiano*, São Paulo, Paulus, 2002
- Piza, D. – “*Artista no espelho*” – Revista Bravo, São Paulo, março de 2001

Sassone Anna Maria – “Il processo di individuazione” in Trattato di Psicologia Analítica, Volume II, Torino, UTET, 1992.

Tarkovsky, A – *Esculpir o Tempo*- São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 39 a p. 63.

Van Gogh, V. – *The Complete Letters* - Boston, Little Brown and Co., 1991- vols. II e III.

Catálogos

“Da Monet a Picasso” – Impressionismo e pós- Impressionismo Nel Museo Puskin -
Milano 1996

Pancetti, O Marinheiro Só – MAB (FAAP) 2001.

Immagini del Sentire- Cremona – Itália 1997